

Trabalho de Graduação do
Curso de Graduação em Geografia

**TERRITORIALIZAÇÃO DO CARNAVAL EM RIO CLARO (SP): HISTÓRIA,
CULTURA E RESISTÊNCIAS.**

Júlia Vicentini Angelini

Prof. Dr. Fabrício Gallo

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

JÚLIA VICENTINI ANGELINI

TERRITORIALIZAÇÃO DO CARNAVAL EM RIO CLARO (SP):
HISTÓRIA, CULTURA E RESISTÊNCIAS.

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia e Licenciatura plena em Geografia.

Rio Claro - SP

2024

JÚLIA VICENTINI ANGELINI

TERRITORIALIZAÇÃO DO CARNAVAL EM RIO CLARO (SP):
HISTÓRIA, CULTURA E RESISTÊNCIAS.

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia e Licenciatura plena em Geografia.

Comissão Examinadora

Fabício Gallo (orientador)

Gabriel Martins de Queiroz Sampaio

Vitória de Barros da Paixão

Rio Claro, 4 de dezembro de 2024.

Assinatura do orientador

Assinatura da aluna

AGRADECIMENTOS

Mesmo depois de concluir este trabalho, me percebo sem palavras para escrever estes agradecimentos. Acho que é mais fácil começar pelo começo: meus pais, Maria Élide e Jaeder. Mãe, obrigada por me segurar quando eu já não conseguia sustentar meu próprio peso. Pai, esse trabalho inteiro é para você, que me fez entender o que é amar música, e também muito além disso.

Ao meu orientador, Fabrício Gallo, que me fez entender que a jornada de escrever meu TCC poderia ser algo que me iluminasse os olhos, ao invés de me assombrar.

À minha melhor amiga Lara, que já não está mais aqui pra ler esses agradecimentos, mas para quem escrevo mesmo assim. Foi você que me levou à bateria, é com você quem vivi todos os momentos mais lindos e é por você que eu ainda faço isso.

À Bateria Porcaria, o maior motivo de eu querer escrever sobre samba e cultura. Fazer parte disso com vocês trouxe outra luz, outra cor, à minha vivência na universidade, e é em vocês que deposito toda a minha estima, minha dedicação e meu tempo. Nessa jornada, preciso destacar alguns nomes: Goro, Fogão, Lobo, Sal, Theo, Sukita, Mafe, Banguela, além de tantas outras pessoas que me ensinaram muito além da percussão.

Aos meus companheiros de CAEGE, nas chapas "Larissa Mies Bombardi" e "Presente".

À todas as escolas, blocos e clubes citados nesse trabalho, por terem construído e por continuarem construindo o carnaval rioclarense, que se tornou tão querido para mim.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe-se a discutir a cultura do carnaval na cidade de Rio Claro - SP, com ênfase na sua importância nos domínios sociais, culturais e territoriais. Com isso, almejamos contribuir para uma compreensão mais aprofundada da situação geográfica das escolas de samba em Rio Claro e da influência dessas instituições na dinâmica local.

Palavras-chaves: Cultura; Samba; Carnaval; Geografia.

ABSTRACT

This Final Paper project aims to discuss the carnival culture in the city of Rio Claro - SP, with an emphasis on its relevance in the social, cultural and territorial domains. Therefore, we aim to contribute to a deeper understanding of the geographical situation of samba schools in Rio Claro and the influence of these institutions on local dynamics.

Keywords: Culture; Samba; Carnaval; Geography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. ORIGENS E EVOLUÇÃO DO CARNAVAL BRASILEIRO: DA TRADIÇÃO EUROPEIA ÀS ESCOLAS DE SAMBA.....	12
3. CARNAVAL EM RIO CLARO: RAÍZES HISTÓRICAS E EVOLUÇÃO.....	18
4. SAMBA RIOCLARENSE NA CONTEMPORANEIDADE.....	21
4.1. CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA.....	21
4.2. CARNAVAL DOS BLOCOS.....	23
4.3. CARNAVAL DOS CLUBES.....	25
5. O CARNAVAL COMO REFLEXO DAS DISPUTAS TERRITORIAIS.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7. REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

Ao analisarmos os elementos culturais mais populares do Brasil aos olhos de muitos observadores, torna-se evidente que o samba figura como uma das expressões mais vinculadas à identidade do país, sendo um importante agente na preservação das heranças e tradições que remontam a períodos históricos de relevância primordial para o Brasil. Em suas diversas manifestações, o samba desempenha um papel de destaque na salvaguarda da memória do imaginário popular, abordando importantes temáticas políticas, sociais e culturais.

Desde sua origem, o samba tem sido uma manifestação de fusão de estruturas musicais europeias e africanas, ecoando as experiências e vivências de diferentes comunidades (DINIZ, 2006). Inicialmente associado aos contextos rurais e às celebrações afro-brasileiras, o samba gradualmente se expande para os centros urbanos, especialmente no Rio de Janeiro, onde se tornou uma expressão vital da cultura popular (DINIZ, 2006). No decorrer de sua evolução, o samba se entrelaça intimamente com o carnaval, uma festa que reflete a diversidade cultural e a criatividade do povo brasileiro. Desde suas origens ligadas ao “entrudo” até os desfiles de escolas de samba, o carnaval representa um momento de celebração, expressão e resistência.

É relevante destacar que o carnaval não é um evento homogêneo, mas sim uma manifestação cultural rica em complexidades e especificidades, refletindo a diversidade do país. Embora compartilhem uma origem comum europeia, o carnaval desenvolveu, ao longo do tempo, características particulares em cada parte do território, como as escolas de samba em São Paulo e no Rio de Janeiro, os trios elétricos em Salvador, as marchinhas em São Luís do Paraitinga, entre outros.

Diante desse contexto, surge o interesse em compreender não apenas a história e as transformações do samba e do carnaval em nível nacional, mas também em um contexto local específico, como é o caso de Rio Claro, no interior do estado de São Paulo. Nesta cidade, as festividades carnavalescas têm uma história própria, marcada por momentos de resistência e renovação.

Isto posto, objetiva-se nesta pesquisa investigar as origens e evolução do samba e do carnaval em Rio Claro, destacando suas conexões com a história local e contextos sociais; analisar as práticas culturais e as manifestações contemporâneas do samba e do carnaval na cidade, considerando suas transformações ao longo do tempo; e compreender o papel do samba e do carnaval na construção de identidades territoriais e no fortalecimento do senso de pertencimento entre os habitantes de Rio Claro.

Para alcançar esses objetivos, o trabalho será organizado em diferentes seções que abordarão aspectos específicos da história, da cultura e da geografia do samba e do carnaval

em Rio Claro. Com o intuito de compreender a dinâmica territorial das escolas de samba e o processo de produção do carnaval, será realizada uma análise das escolas e blocos para avaliar o apoio municipal à realização do evento e sua relevância, explorando os desafios e a resiliência envolvidos na produção cultural urbana.

Aqui, se mostra necessário debruçar-se sobre o método utilizado para o desenvolvimento do trabalho. Inicialmente, partimos da noção de que o objeto de estudo da geografia é o espaço geográfico. Milton Santos (1997, p. 18) destaca que este é “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, também chamado de território usado, que se constitui como “um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes” (SANTOS *et al.*, 2000, p. 104-105). Podemos entender, então, que o território usado não é homogêneo, e quando o estudamos devemos entender que diversas categorias se entrelaçam para criar a totalidade, retratando como a sociedade e a materialidade são realidades indissociáveis, em permanente busca de ajustes para se alcançar um arranjo ideal de acordo com as diferentes ordens sociais.

Para analisarmos os distintos poderes que os agentes têm para usar o território em seus distintos interesses, propomos entender como o samba e o carnaval como agentes culturais e econômicos de significativa relevância neste processo de uso.

Também debruça-se no conceito de situação geográfica de Silveira (1999), que se refere a uma construção dinâmica e mutável, resultante da interação de diversas forças e eventos que se materializam no espaço geográfico. Esses eventos não são meros acontecimentos isolados, mas se integram ao ambiente físico e às normas sociais, modificando o valor e o significado dos lugares ao longo do tempo. À medida que esses eventos se inter-relacionam, surgem novas situações geográficas, que, por sua vez, são igualmente dinâmicas e sujeitas a transformações contínuas, caracterizando um processo dialético de constante reconfiguração.

Nesse sentido, considerando que o carnaval é um processo multifacetado e popular, com profundo envolvimento dos agentes, há a necessidade de se analisar suas características além do quantitativo. Minayo (1993, p. 244) afirma:

“A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas”

Outro método empregado na pesquisa foi a análise documental de registros da cidade, incluindo imagens, publicações em jornais e outros documentos que fazem referência ao carnaval. Essa fase da pesquisa foi realizada no Arquivo Público e Histórico do Município de

Rio Claro “Oscar de Arruda Penteados” (APHRC), onde esses documentos estão reunidos em um rico acervo, além de acervos digitais de jornais da cidade, como o Diário do Rio Claro, presente no município de Rio Claro desde os primórdios da festa.

Portanto, através desses métodos, buscamos revelar as complexidades envolvidas na relação entre as agremiações carnavalescas, a população local e a administração pública, destacando como o samba e o carnaval não são apenas manifestações culturais, mas também agentes de transformação territorial, que refletem e moldam a identidade e o senso de pertencimento dos habitantes de Rio Claro.

2. ORIGENS E EVOLUÇÃO DO CARNAVAL BRASILEIRO: DA TRADIÇÃO EUROPEIA ÀS ESCOLAS DE SAMBA

De acordo com Diniz (2006) o samba é um gênero resultante da fusão de estruturas musicais europeias e africanas, que surge a partir do chamado “batuque”, expressão utilizada genericamente para descrever qualquer manifestação que envolvesse dança, canto e instrumentos musicais, principalmente associados às tradições negras. A partir do século XX, isso passa a configurar a ideia de “samba”. Isso se fortalece quando há um processo de migração de afro-baianos para o Rio de Janeiro após a abolição da escravatura, estabelecendo a chamada “Pequena África”, que se tornou um laboratório de criação musical, contribuindo para a identidade cultural negra. No início, o termo “samba” ainda era vinculado a celebrações rurais, e gradativamente passou a se referir a contextos urbanos e a mescla cultural presente no estado carioca (DINIZ, 2006).

Nessa perspectiva, é importante salientar que o samba não configura somente um gênero musical, como exposto por Dozena (2009, p. 21): “Igualmente, é importante reafirmar que o universo do samba não só circunscreve um estilo musical, mas, também, as práticas sócio-espaciais e estilos de vida que coexistem com os acontecimentos carnavalescos”.

É importante abordarmos a origem e evolução do carnaval no contexto brasileiro. De acordo com Diniz (2006), o carnaval se origina, em sua forma mais primitiva, a partir da igreja católica europeia.

Havia celebrações similares na Grécia Antiga, no Egito e em Roma, como as festas lupercais, dionisiacas e saturnais, cheias de exageros e transgressões. Mas o carnaval como conhecemos hoje tem uma data específica para acontecer, e, se isso não invalida o uso da palavra para designar quaisquer festejos de alegria, bagunça e exageros, ao menos localiza no nosso calendário o intervalo de três, quatro ou cinco dias que antecedem a Quarta-feira de Cinzas. (DINIZ, 2006, p.15)

Então, no ano de 604, sob a liderança do Papa Gregório I, instaurou-se a prática da Quaresma, um período de quarenta dias durante o qual os fiéis da igreja católica eram incentivados a abster-se dos prazeres mundanos e a dedicar-se à vida espiritual, por meio de jejum e outras penitências. Essa perspectiva de um prolongado período de resguardo levou os fiéis a organizarem-se para maximizar os dias anteriores à Quaresma. Segundo Diniz (2006), desta prática emergiu o termo italiano "carnevale", que significa "adeus à carne".

Numa perspectiva nacional, Germano (1999), destaca três estágios significativos no desenvolvimento da festa no Brasil. Inicialmente, após a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, o carnaval de rua era ligado ao “entrudo”, prática de origens medievais trazida pelos colonizadores europeus, que teve sua decadência com a repreensão por campanhas moralistas.

O entrudo, trazido por imigrantes portugueses, constitui uma forma distinta de celebração do carnaval em comparação com as práticas contemporâneas. Conforme Oliveira (1996), as origens do entrudo em Portugal envolvem uma disputa simbólica entre o entrudo, que personificava a nobreza devassa e a fonte dos pecados, e Dona Quaresma, que simbolizava a população local, caracterizada por sua austeridade e devoção. Assim, o entrudo funcionava como uma representação metafórica do descontentamento dos aldeões em relação à dominação exercida pela nobreza. O autor também destaca que um dos principais elementos do festejo era o caráter de luta, manifestado em brincadeiras onde se arremessavam líquidos mal cheirosos, lama, farinha e outros materiais entre os participantes.

Diniz (2006) complementa essa análise ao descrever o entrudo como um evento que abarcava uma ampla variedade de brincadeiras, ocorrendo tanto nos ambientes mais refinados das residências aristocráticas quanto nas ruas e vielas, onde prevalecia uma atmosfera mais desordeira. Essas atividades caracterizavam-se pelo ato de sujar os participantes de diversas formas, utilizando polvilho, pó-de-sapato, farinha de trigo e até mesmo limões de cheiro, que eram limões recheados com água, urina e outras substâncias.

Höfling (2006), apresenta que na sociedade brasileira, o entrudo adquiriu duas facetas distintas: o familiar e o popular. O primeiro ocorria em ambientes domésticos, especialmente nas residências da classe média e alta, onde as famílias realizavam brincadeiras mais delicadas e banquetes festivos. Já o entrudo popular era uma celebração mais desregrada, onde os estratos sociais mais baixos tomavam conta das ruas, lançando-se em batalhas de água, ovos e outras "imundices", numa atmosfera de caos e diversão.

Entretanto, essa festa não era apenas diversão. De acordo com Höfling (2006), ela carregava consigo uma carga de violência e marginalidade, especialmente nas manifestações populares, onde os participantes se envolviam em trocas de xingamentos, brigas e atiravam objetos uns nos outros. Essa versão mais crua do entrudo envolvia desde marinheiros até mesmo "fidalguinhos peraltas", numa mistura caótica de classes sociais.

No entanto, o entrudo não escapou de críticas e proibições. Desde o século XVII até o início do século XX, várias autoridades tentaram restringir ou proibir essa prática, considerada bárbara e prejudicial aos bons costumes, como evidenciado na publicação de 1685, no Rio de Janeiro:

Toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que se encontrar mascarado envolvido nas festas do entrudo, incorrerá na pena de ir servir à Sua Majestade, que Deus guarde, e sendo negro ou mulato será açoitado publicamente (...) (Menezes, 1994, p.34 *apud* Oliveira, 1996)

Ainda no Rio de Janeiro, o prefeito Pereira Passos, em 1903, exortou diretores de escolas a dissuadir os jovens de participar de eventos como o entrudo, considerado incompatível com a civilidade e expressamente proibido pelas leis municipais (HÖFLING, 2006).

Durante esse período, um personagem importante era o Zé Pereira, que consistia em homens que tocavam grandes bumbos enquanto acompanhavam procissões em Portugal, prática que foi posteriormente trazida ao Brasil. Acredita-se que esses instrumentos são os precursores dos surdos de marcação utilizados pelas escolas de samba contemporâneas. (DINIZ, 2006).

Apesar das críticas e proibições, o entrudo continuou a ser uma parte significativa das festividades carnavalescas até o final do século XIX. Menezes (1994 *apud* Oliveira, 1996) aponta que, entre 1870 e 1890, o entrudo e o carnaval começaram a se mesclar, resultando em uma fusão tão bem elaborada que se tornou difícil distinguir os limites entre as duas. O entrudo passa a declinar em popularidade devido ao surgimento de novas formas de entretenimento durante o carnaval, como os desfiles das grandes sociedades, cordões, ranchos e blocos, bem como as transformações urbanísticas promovidas pela Reforma Passos, que reconfigurou o centro do Rio de Janeiro, alterando tanto a paisagem física quanto as dinâmicas sociais da cidade.

De acordo com Verger (1984, p. 10, *apud* Oliveira, 1996), após a proibição do entrudo, dois tipos de carnaval se desenvolveram: o carnaval dos salões, posteriormente evoluindo para clubes, e o carnaval de rua. Nos salões, as elites participavam de bailes de máscaras com fantasias caras, enquanto nas ruas, o carnaval popular envolvia principalmente “negros e mulatos escuros” em festividades com grupos de mascarados, blocos e afroxés.

Durante esse período, surgiram os cordões, uma forma pela qual as camadas populares continuaram a participar dos desfiles de carnaval ao longo do século XIX, introduzindo os estandartes e as competições realizadas, na época, pelo *Jornal do Brasil*. Segundo Diniz (2006), os cordões carnavalescos possuíam uma estrutura específica:

Conduzidos por um mestre, a cujo apito de comando todos obedeciam, os cordões apresentavam personagens como os cantadores e dançarinos, os palhaços, a morte, os diabos, os reis, as rainhas, os sargentos, as baianas, os morcegos e os índios. O instrumental era percussivo, a base de adufos, cuicas e reco-recos, entre outros. (DINIZ, 2006, p. 19)

Essa manifestação, contudo, era predominantemente praticada pelas camadas populares da sociedade, enquanto as classes mais abastadas participavam dos cursos e das grandes sociedades. Os cursos, caracterizados por desfiles de carros abertos, podem ser comparados aos carros alegóricos dos desfiles contemporâneos. Inicialmente utilizando-se de

carruagens, posteriormente substituídas por automóveis, decoradas com flores e serpentinas, que conduziam grupos de foliões, luxuosamente fantasiados, pelas ruas centrais da cidade, também se tornando um espaço para competições (Queiroz, 1987, 1992; von Simson, 1981a *apud* Oliveira, 1996).

Em contraste, as grandes sociedades, embora não utilizassem esses veículos, tornando-se assim mais democráticas, ainda estavam associadas às classes alta e média. Essas sociedades funcionavam como clubes onde se realizavam batalhas de confete e concursos de fantasias (Diniz, 2006). De acordo com Queiroz (1992, *apud* Oliveira, 1996), as grandes sociedades surgiram por volta de 1855, formadas por membros da média e alta burguesia, como comerciantes, industriais, banqueiros, fazendeiros, profissionais liberais e funcionários públicos de alto escalão, servindo como espaços de encontro e reunião para seus membros.

Durante os anos que se seguiram, a mídia iniciou seu processo de apropriação das práticas carnavalescas, em festas populares, teatros, indústria fotográfica, rádio e cinema. Festas como a do Divino e da Penha eram eventos centrais para a divulgação dessas músicas, muitas vezes servindo de teste para os sucessos do carnaval. O teatro de revista, surgido no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, foi um importante veículo de difusão cultural e musical, com suas apresentações permeadas por sátiras sociais e músicas que frequentemente migravam das ruas para os palcos, e vice-versa. Compositores como Sinhô e Pixinguinha, e figuras como Eduardo Souto, cuja obra incluía marchas carnavalescas, eram integrados a esse processo, utilizando estratégias diversas, como a contratação de cantores e blocos de rua, para promover suas músicas e alcançar o sucesso no carnaval (Diniz, 2006).

Com a industrialização e o avanço tecnológico, houve uma maior difusão cultural em massa do carnaval, especialmente com a popularização da música no século XX. À medida que o poder aquisitivo aumentava, a música gravada tornou-se um produto amplamente consumido. A música carnavalesca começou a ganhar destaque com o clássico "Pelo telefone", em 1917, além de gêneros como samba, frevo e marchinhas (Diniz, 2006)

Em seguida, a elite brasileira importou elementos do carnaval europeu e promoveu festas sofisticadas, contrastando com o carnaval popular considerado "bárbaro". Para Napolitano e Wasserman (2000), na década de 1930, vários fatores complicam a definição de tradições sambistas claras e lineares, como a entrada de novos grupos sociais no samba, a formação das Escolas de Samba, a mobilidade geográfica das experiências musicais e a influência do rádio na divulgação sonora: "Todos estes elementos precisavam ser "disciplinados", colocados sob o prisma da tradição, sobretudo num momento em que o popular e o nacional eram as categorias de afirmação cultural e ideológica por excelência"

(NAPOLITANO e WASSERMAN, 2000). Assim, após a Revolução de 1930, passou a ser incentivado pelo Estado brasileiro o carnaval das Escolas de Samba, disseminando o gênero através dos rádios e, na década de 1940, o samba tornou-se sinônimo de cultura brasileira e conquistou reconhecimento internacional. Nessa época, surgem discussões sobre as raízes do samba e seu papel na sociedade, e na década de 50, já existiam discussões ligadas à etnicidade, com o advento da rivalidade entre o samba e o samba-canção (DINIZ, 2012).

O estudo das origens das Escolas de Samba no Brasil muito nos interessa aqui. De acordo com Almeida (2011), a gênese dessas agremiações remonta à década de 1920, quando se originaram a partir da junção de blocos carnavalescos. Notavelmente, o termo "escola de samba" foi cunhado por Ismael Silva, que atribuiu tal denominação aos seus companheiros do bairro do Estácio, uma vez que costumavam se reunir em frente a uma instituição de ensino comum. A escola, fundada em 1928, intitula-se "Deixa Falar", a atual Escola de Samba Estácio de Sá, e no mesmo ano surge a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. É importante destacar que, antes da criação da escola de samba "Deixa Falar", já existia o bloco "Baianinhas de Oswaldo Cruz", fundado em 1923 e considerado precursor da Escola de Samba Portela. No entanto, somente após a fundação da "Deixa Falar" o bloco passou a se configurar como uma escola de samba, processo que foi influenciado pela própria "Deixa Falar", conforme indicado pelo site oficial da Portela.

Para Soihet (2008 apud ALMEIDA, 2011), as Escolas de Samba se estabeleceram como a expressão máxima do carnaval carioca e representam uma síntese das diversas manifestações carnavalescas, tais como blocos, ranchos e elementos das grandes sociedades. Elas incorporaram elementos culturais tanto da cultura dominante quanto da cultura popular, dando origem ao conceito de "circularidade cultural".

Ainda no que se refere à história das escolas de samba, o primeiro concurso entre essas agremiações teve lugar em 1932, embora tenha sido o desfile de 1933 que despertou o interesse das autoridades públicas. Nesse ano, a prefeitura do Rio de Janeiro alocou parte de seu orçamento para apoiar o evento, o que levou o então prefeito, Pedro Ernesto, a ser considerado um patrono do samba. Em 1934, a União das Escolas de Samba (UES) foi fundada, introduzindo uma regulamentação mais estruturada no contexto das escolas de samba (AUGRAS, 1998, *apud* ALMEIDA, 2011). Essa organização surgiu em resposta à necessidade de facilitar a promoção do samba, melhorar a comunicação entre as escolas e a sociedade em geral, e estabelecer uma entidade que representasse os interesses dos sambistas (SOIHET, 2008, *apud* ALMEIDA, 2011).

Almeida (2011) enfatiza que Getúlio Vargas aproveitou amplamente o carnaval e o samba como meios para integrar as massas urbanas e forjar uma identidade nacional sólida e, apesar de os negros, em especial, terem desempenhado um papel fundamental na construção da cultura carnavalesca, ela foi posteriormente apropriada pela sociedade como um todo. Em 1936, as entidades atualmente conhecidas como escolas de samba obtiveram autorização para desfilar no centro da cidade. Com o decorrer dos anos e o aumento de sua popularidade, essas instituições tornaram-se a principal atração do carnaval carioca (Oliveira, 1996).

Aqui destaca-se que, antes da oficialização dos desfiles de carnaval, entre as décadas de 30 e 60, as manifestações eram, muitas vezes, reprimidas pelo Estado:

Desde a oficialização dos desfiles até os dias de hoje, o dispositivo para colocar ordem na desordem é fazer constar no regulamento oficial das agremiações a obrigatoriedade de temas com motivos nacionais, de finalidade nacionalista em seus enredos. Mas, naquela época, havia um componente a mais: a censura. Essa imposição começou a tomar corpo no Estado Novo. Entretanto, sua efetivação se deu entre 1946 e 1948, no governo Dutra (SILVA JR. e OLIVEIRA. Folha de São Paulo, 26 de fevereiro de 2006)

Essa intervenção governamental, entretanto, não foi suficiente para inibir as expressões populares presentes no carnaval. Embora as escolas tenham sido obrigadas a adaptar seus enredos e desfilar sob regulamentações oficiais, elas mantiveram sua essência como espaço de expressão cultural e resistência.

3. CARNAVAL EM RIO CLARO: RAÍZES HISTÓRICAS E EVOLUÇÃO

O carnaval, conforme mencionado anteriormente, é uma festividade celebrada de diversas formas em todo o país. Um fenômeno interessante ocorre em Rio Claro, uma cidade do interior de São Paulo, onde o carnaval é particularmente significativo, principalmente na modalidade das escolas de samba. Nessa localidade, é possível observar diversos elementos relacionados à origem e evolução do carnaval em escala nacional, refletidos também no cenário rioclareense.

Segundo Höfling (2006), dois jornais, O ALPHA e DIÁRIO DO RIO CLARO, documentam a evolução e a supressão do entrudo em Rio Claro. Em 26 de fevereiro de 1903, O ALPHA descreveu o entrudo:

“O entrudo teve a mais solenne consagração. Além do confetti em profusão e das serpentinas multicores que trançavam toda a extensão da rua 5 à rua 7, representavam papel saliente as bisnagas de todas as formas e gostos, as seringas de gomma, e até os baldes d’água. Houve momentos que o entusiasmo tocava ao delírio” (O APLHA, 25/02/1903)

Contudo, à semelhança do restante do país, o entrudo foi posteriormente considerado uma prática ilegal. Não demorou muito para que as festividades ligadas ao entrudo começassem a encontrar resistência na cidade, e em 1904, já se registra a publicação, no jornal "O Alpha", de uma proibição de algumas manifestações festivas, com a imposição de multas às pessoas que as desrespeitassem, com base na legislação municipal:

"(...) fica expressamente proibido nos dias do carnaval o brinquedo de entrudo com limões de borracha ou de cêra, sendo pela policia inutilizados esses artigos que forem encontrados à venda pelas ruas da cidade" (O ALPHA, 5 de fevereiro de 1904 *apud* Höfling, 2006).

Além disso, observa-se a presença da Banda do Zé Pereira em Rio Claro, que recebia o Rei Momo na Estação Ferroviária e seguia pela Avenida Um até o palanque oficial, marcando o início da folia. Grandes sociedades como a Sociedade Philarmônica Rioclareense (est. 1879), o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (est. 1896), a Sociedade Dramática Dançante Cidade Nova (est. 1917) e o Grupo Ginástico Rio-clareense (est. 1919) também participavam ativamente do carnaval. Este evento era organizado pelo Club dos Lyricos e patrocinado por sociedades recreativas e membros da elite cafeicultora local (HÖFLING, 2006).

Na década de 30, em Rio Claro, o curso (Figura 1) ganhou popularidade em Rio Claro, uma manifestação marcada pela introdução de eventos como as batalhas de flores, posteriormente substituídas pelas batalhas de confetes. Na década de 1910 ou 1920, é possível encontrar o primeiro registro do "Carro das Flores" (Figura 2) em Rio Claro (HÖFLING, 2006). A partir desse momento, uma comissão julgadora analisava e premiava os melhores

carros e fantasias (BAUNGARTNER, 2006). Um dos registros encontrados sobre o curso em Rio Claro narra:

Tivemos, hontem, uma esplendida e movimentadissima segunda-feira de Carnaval. Começou pela bonita e interessante passeata, à tarde, da galante petizada da Philarmonica, após a vesperal. O pessoalzinho brilhou, devéras, e estava lindamente phantasiado, salientando-se os cordões “Garotinhos” e “Marinheiros” (DIÁRIO DO RIO CLARO, 13 de fevereiro de 1934)

Figura 1 - Corso passando na av 1, rua 4, 1937



Fonte: acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar Arruda Penteadó”.

Figura 2 - Carro das Flores, 1910-1920



Fonte: acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar Arruda Penteadó”.

Durante os anos 30, periódicos como Diário do Rio Claro, O Alpha e Cidade de Rio Claro apresentavam narrativas extensivas e detalhadas dos cursos carnavalescos. Essas reportagens abordavam temas variados, descreviam os carros alegóricos, quantificavam o número de participantes, discutiam as músicas executadas e capturavam o entusiasmo palpável do público presente. Além disso, os jornais frequentemente faziam apelos às autoridades municipais para intervirem na organização do carnaval de rua, solicitando maior apoio financeiro e outras formas de suporte público, visando enriquecer e fortalecer as celebrações carnavalescas (Höfling, 2006). Esses apelos continuaram pelo menos até 1953, quando foi publicado:

“No ano do centenário da cidade, o CORETO será armado pela prefeitura Municipal, na esquina da Rua 5 Avenida 1. E é só o que fará a nossa Prefeitura para o Carnaval Rioclarense de 54” (DIÁRIO DO RIO CLARO, 23 de fevereiro de 1953)

Na década de 1940, o carnaval da cidade se distanciou das ruas e passou a ser comemorado, em menor escala, em salões fechados. Somente próximo à década de 1950, houve o ressurgimento da popularidade das festividades carnavalescas na cidade. Nesse contexto, em 1948, emergiu o "Cordão da Sociedade Beneficente José do Patrocínio", uma sociedade originada a partir de um grupo negro local, que desempenhou um papel fundamental ao fomentar o surgimento das duas primeiras escolas de samba, na época sociedades, da cidade: "Voz do Morro" e "Tamoyo" (Figura 3) (HÖLFING, 2006).

Figura 3 - Sociedade Dançante “Tamoyo”, 1959



Fonte: acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar Arruda Penteados”

Com a criação dessas organizações, a população preta da cidade passou a ter mais espaço na participação dos festejos:

“O carnaval de Rio Claro teve seus primeiros toques pelo pessoal de cor. Pela animação dessa gente é que o carnaval rioclarense mais se animou de uma forma geral. O carnaval rioclarense se impoz e criou vulto pelas magníficas Escolas de Samba...” (JORNAL CIDADE DE RIO CLARO, 1957 *apud* HÖFLING, 2006, p. 142)

Durval Augusto, um dos precursores da escola de samba "Voz do Morro", enfatiza uma distinção fundamental entre as escolas de samba e os cordões carnavalescos. De acordo com sua perspectiva, as escolas de samba adotam exclusivamente instrumentos de percussão, como surdo, caixa de repique, tamborim, cuíca, entre outros, e dedicam-se à execução do samba, enquanto os cordões abrangem uma variedade de ritmos e fazem uso de instrumentos de sopro e metálicos, aproximando-se de uma configuração mais característica de uma banda (HÖFLING, 2006).

Antes da popularização das escolas de samba por si próprias, havia apenas o carnaval de rua, e as escolas desfilavam como blocos, como evidenciado por Marcos Faria, em entrevista ao Arquivo Público Municipal de Rio Claro:

“Todos desfilavam no centro da cidade e iam para os salões para dar prosseguimento à festa carnavalesca. Não havia sistema de som e os brincantes cantavam os sambas de enredo das escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Por muito tempo, a competição ocorreu somente entre Tamoio e Voz do Morro. As fantasias eram compradas em São Paulo, aleatoriamente, não havendo a necessidade de se construir um enredo, um samba, fantasias e alegorias ligadas ao tema. A prefeitura escolhia o vencedor do ano, sem júri, apuração ou qualquer outro processo. E assim o carnaval acontecia na cidade” (MIRANDA, 2011, p. 2-3)

Mais recentemente, observa-se uma notável influência do carnaval carioca nas celebrações carnavalescas de Rio Claro. Esse fenômeno se traduz em investimentos substanciais em fantasias e carros alegóricos, enfatizando uma abordagem mais competitiva. Exploraremos melhor esses elementos no próximo capítulo.

4. SAMBA RIOCLARENSE NA CONTEMPORANEIDADE

Antes de adentrarmos ao debate principal, é pertinente abordar as distintas manifestações do samba conforme sua localização geográfica. Como mencionado previamente, o carnaval assume diversas configurações conforme o contexto urbano. Nas metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, destaca-se o carnaval das escolas de samba, notório pelos grandiosos desfiles e espetáculos realizados nos sambódromos. Em contrapartida, nas cidades de Recife e Olinda, predominam os blocos e troças de carnaval, acompanhados pelo frenético ritmo do frevo e marcados pela presença de imponentes bonecos. São Luiz do Paraitinga, por sua vez, distingue-se pelo tradicional carnaval das marchinhas, gênero musical intrinsecamente ligado à identidade festiva da localidade.

Rio Claro, por sua vez, reflete a influência dos carnavais da capital do estado, destacando-se a popularização de modalidades de celebração como os desfiles de rua, protagonizados pelas escolas de samba e pelos blocos carnavalescos, além das festividades privadas realizadas nos clubes. Nesta seção, exploraremos as características do carnaval contemporâneo presentes nessas esferas festivas.

4.1 CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA

As agremiações de escola de samba possuem grande destaque na cultura carnavalesca de Rio Claro. Nas capitais do país, inicialmente o Rio de Janeiro, se populariza a categoria de carnaval “espetáculo”, como é explanado por Garcia *et. al* (2016): “No entanto, as escolas de samba incorporaram um elemento contemporâneo: o grande show, transformando-se em um dos maiores eventos midiáticos”. O evento passa a ser consumido como um produto midiático, envolvendo as indústrias televisivas, fonográficas e de turismo (Garcia *et. al*, 2016). No interior, esse fenômeno também acontece em menor escala.

Em 1974, é fundada a agremiação “Samuca” (Grêmio Recreativo Beneficente Escola de Samba “Samuca”) (Figura 4), seguida pela “A Casamba” (Grêmio Recreativo Escola de Samba “A Casamba”) em 1976. Essas escolas de samba, ao buscarem alinhar-se com os padrões dessas agremiações cariocas, implementaram mudanças significativas em suas estruturas. A “Voz do Morro” em 1982 estabeleceu a “GRASIFS - Voz do Morro” (Grupo Acadêmico Sociativo Independente Faculdade do Samba “Voz do Morro”) para se adaptar a essa nova dinâmica (Figura 5). Diversas mudanças na forma de celebração do carnaval em Rio Claro foram observadas com o surgimento dessas novas escolas de samba. Essas escolas eram vistas como “escola dos ricos”, em contraste com as escolas populares, que haviam sido fundadas pela comunidade negra por meio das sociedades. (BAUNGARTNER, 2011).

Figura 4 - Escola de Samba “Samuca”, 1972



Fonte: acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar Arruda Penteadó”.

Figura 5 - Passarela da GRASIFS, 1996



Fonte: acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar Arruda Penteadó”.

Com o aumento em tamanho e quantidade dos carros alegóricos, o desfile transferiu-se da área central da cidade para a Avenida Visconde de Rio Claro em 1984, e no mesmo ano foi criada a UVA (Grêmio Cultural, Recreativo e Beneficente Escola de Samba “UVA” - Unidos

da Vila Alemã), criando um ambiente mais competitivo e disputado (BAUNGARTNER, 2011).

Essas quatro escolas - Grasifs, Samuca, Casamba e UVA - continuam desempenhando um papel de destaque no cenário carnavalesco de Rio Claro, compondo atualmente a primeira divisão da competição que acontece no carnaval em quase todos os anos (HÖFLING, 2006).

Uma das dificuldades enfrentadas pelas escolas de samba ao longo da história do carnaval rioclarense foi a dificuldade em conseguir investimentos públicos para a realização do desfile, como afirma o depoimento de José Carlos Baungartner, integrante da escola de samba UVA, concedido à Baungartner (2011): “É... depois, de 80 pra frente os carros alegóricos eram bancados por quem fazia, tinha que correr atrás de tudo”.

Apesar dos desafios contínuos enfrentados ao longo dos anos, as escolas de samba mantiveram seu processo de evolução e aprimoramento, por vezes com o apoio municipal e, em outras ocasiões, de forma independente. No entanto, na década de 2000, o carnaval enfrentou um de seus maiores obstáculos, quando foi proibido por determinação do governo municipal devido a irregularidades na prestação de contas das agremiações. Isso causou uma paralisação no carnaval rioclarense, o que prejudicou a evolução das escolas nesse período (BAUNGARTNER, 2011).

Os desfiles de carnaval foram retomados apenas em 2005. No entanto, a maioria das escolas de samba enfrentou dificuldades para se organizar, pois não possuía sede própria e, conseqüentemente, não conseguiu se preparar adequadamente no curto período disponível. Nesse contexto, somente a Samuca, que era a única escola com sede própria na época, conseguiu participar do desfile naquele ano.

Em 2016, João Teixeira Junior, conhecido como Juninho da Padaria, foi eleito prefeito de Rio Claro. Sua campanha foi centrada numa promessa de melhorar os investimentos públicos em saúde, em detrimento de categorias como esporte e cultura (Jornal Cidade, 2017). Entre as áreas afetadas, o carnaval foi particularmente impactado pela decisão do prefeito de realocar os recursos financeiros. Como resultado dessa decisão, o carnaval em Rio Claro não foi realizado nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Embora João Teixeira Junior não tenha sido reeleito nas eleições municipais de 2020, a festa permaneceu impossibilitada de ocorrer por mais dois anos devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19.

No entanto, a administração subsequente à de João Teixeira Junior, sob a liderança do prefeito Gustavo Perissinoto, demonstrou maior atenção ao carnaval. Em 22 de novembro de 2022, a Câmara Municipal de Rio Claro promulgou a Lei nº 5.678, que institui os desfiles das Escolas de Samba durante o Carnaval como Patrimônio Cultural Imaterial do município. A

aprovação da lei reflete um processo de revalorização do carnaval e reconhece a resistência e o empenho das escolas de samba ao longo dos anos. Quando a lei foi aprovada, o Perissinoto afirmou que esta é um reconhecimento da tradição e do trabalho dos envolvidos na organização do carnaval rio-clarense, destacando a importância cultural e social do evento (Jornal Cidade, 2022).

Assim, os investimentos no festejo foram retomados. Em 2023, o repasse destinado ao carnaval em Rio Claro foi de 480 mil reais, valor que aumentou em 35% em 2024, alcançando 640,5 mil reais, de acordo com o Diário Oficial de Rio Claro. Esse aporte financeiro é fruto da colaboração entre o município e a União das Escolas de Samba da Cidade Azul (Uesca), uma associação privada.

4.2 CARNAVAL DE BLOCOS

Conforme previamente abordado, as manifestações carnavalescas apresentam características distintas em diferentes regiões do território brasileiro. Na cidade em questão, é possível identificar diversos blocos de interesse, tais como o Bloco do Coreto, Bloco da Saudade, Bloco Fera Ferida, Bloco Tossiu Xapô, além de outros tipos de celebração que também podem ser categorizados como blocos, como o Baile Anos Dourados e o Carna InBoxe. Todos esses blocos têm como foco principal atrações relacionadas ao samba e outros gêneros musicais brasileiros.

Na década de 1980, devido à falta de apoio da prefeitura às escolas de samba, alguns carnavalescos começaram a promover outras formas de celebração do carnaval, resgatando os desfiles tradicionais. Nesse contexto, surgem o Baile Anos Dourados, realizado no Jardim Público, e a Banda do Veneno (Figura 6), formada por um grupo de amigos que se reunia na Esquina do Veneno e que se opunha à exclusão do centro da cidade do circuito carnavalesco após a transferência dos desfiles das escolas de samba para a Avenida Visconde (BAUNGARTNER, 2011). Posteriormente, a Esquina do Veneno foi substituída pelo Bloco do Coreto: “Criado para proporcionar uma experiência vibrante e familiar, o Bloco do Coreto promete animar o Carnaval, tornando-se o epicentro da celebração na cidade” (DIÁRIO DO RIO CLARO, 02/02/2024). O Baile Anos Dourados também continua a ser realizado na cidade, atualmente promovido pela administração pública: “A realização é da prefeitura de Rio Claro por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Turismo” (JORNAL CIDADE, 07/02/2024).

Figura 6: Banda do Veneno, 2002



Fonte: acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar Arruda Penteador”

De acordo com Baungartner (2011), a tradição do bloco começou a ser restabelecida em 2011, quando passou a ocorrer aos sábados. Com o passar do tempo, essa tradição se renovou, e em 2020 diversos blocos desfilaram em Rio Claro durante o período do feriado. Entre eles estavam o Bloco Fera Ferida, que fazia sua estreia naquele ano, o Carnaval InBoxe, o Bloco KoMovaeVc, o Bloco Carnafolia, o Bloco da Saudade e o Salve Salve Simpatia (JORNAL CIDADE, 19/02/2020)

O Bloco da Saudade se destaca em meio aos blocos de carnaval presentes na cidade. Tradicionalmente se inicia na Avenida da Saudade e termina na quadra da Escola de Samba Grasifs:

“De acordo com a organização, o bloco existe para lembrar às pessoas que Carnaval é uma manifestação espontânea e popular e que é possível conviver harmonicamente no espaço público, sem precisar de tantas regras e controles” (JORNAL CIDADE, 24/02/2017)

O Carna InBoxe é outro evento que vem ganhando crescente popularidade na cidade, sendo promovido pela Frente Cultural InBoxe e pela academia MM Boxe. Breno Macedo, membro dessas organizações, declarou ao Jornal Cidade: “[...] uma das coisas com que nos preocupamos é manter o carnaval popular, carnaval para todos, não cobramos entrada, fizemos uma colaboração voluntária para colaborar com o funcionamento da causa” (JORNAL CIDADE, 11/02/2024)

Portanto, é clara a relevância dos blocos de carnaval em Rio Claro como parte das festividades locais. Ao longo dos anos, a cidade desenvolveu uma variedade de blocos que se destacam por suas contribuições às tradições carnavalescas e sua capacidade de mobilizar a comunidade. A retomada dos desfiles e o surgimento de novos eventos, como o Bloco Fera Ferida e o Carnaval InBoxe, refletem a renovação contínua e o crescimento das celebrações na cidade.

Além disso, a evolução dos blocos, desde a década de 1980 até os dias atuais, ilustra a adaptação às mudanças culturais e políticas. A iniciativa de promover eventos como o Baile Anos Dourados e a Banda Veneno, bem como a substituição da Esquina do Veneno pelo Bloco do Coreto, são exemplos claros de como a comunidade se mobilizou para preservar e revitalizar as tradições carnavalescas. Eventos como o Bloco da Saudade e o Carna InBoxe destacam-se por sua abordagem inclusiva e acessível, sublinhando o compromisso com um carnaval democrático e popular. Dessa forma, os blocos de carnaval em Rio Claro não apenas celebram a festividade, mas também fortalecem a identidade cultural e social da cidade.

3.3 CARNAVAL NOS CLUBES

Outra forma de expressão do carnaval na cidade ocorre nos clubes privados, como mencionado no primeiro capítulo. Dentre os estabelecimentos que promovem festividades carnavalescas em Rio Claro, destacam-se o Clube de Campo, situado na Zona Rural da localidade, o Floridiana Tênis Clube, localizado no Jardim Floridiana, e o Grêmio Recreativo Cia. Paulista, situado no bairro Santa Cruz. Este último possui registros de eventos de carnaval documentados em jornais que remontam ao ano de 1935:

“Depois desses tempos sempre tivemos carnavaes mais ou menos bons, porem sem o entusiasmo proprio daquelles primitivos. Mais ou menos pelos fins do seculo passado - 1899-1990 - O Grêmio Cia. Paulista começou a pôr seus prestitos na rua. Primo Rivera e outros companheiros eram a alma desses carnavaes que foram quasi optimos” (CONDE D’ALBA, Diário do Rio Claro, 12 de fevereiro de 1935)

De acordo com Baungartner (2011), entre os clubes mais antigos de Rio Claro, apenas o Grêmio, já mencionado anteriormente, e o Grupo Ginástico Rioclarense (Figura 7) conseguiram resistir ao tempo. No entanto, o Ginástico permanecia mais restrito em termos de seus frequentadores. Segundo a autora, a sustentação desses clubes se dava “pelos foliões que assistem aos desfiles e insistem em continuar a folia” (BAUNGARTNER, 2011, p. 67).

Figura 7 - Ginástico, 1936

Fonte: acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar Arruda Penteado”.

Os carnavais organizados nos clubes apresentam características distintas das manifestações anteriormente discutidas. Primeiramente, esses eventos são de natureza privada, não dependendo significativamente do suporte da administração municipal, sendo financiados principalmente pela venda de ingressos. Como resultado, é comum a participação de artistas locais e regionais nas apresentações, diferenciando-se dos blocos carnavalescos que geralmente são autogeridos pelos participantes. Destaca-se também o caráter familiar das celebrações, uma vez que são organizadas matinês que permitem às famílias levar suas crianças para aproveitarem o carnaval (BAUNGARTNER, 2011).

5. O CARNAVAL COMO REFLEXO DAS DISPUTAS TERRITORIAIS

O carnaval é relevante no território rioclarense de diversas formas. De acordo com Santos (1996), ao analisar o espaço geográfico devemos entendê-lo como uma totalidade. Mesmo assim, é necessário levar em conta que “o conhecimento pressupõe análise e a segunda noção essencial é a de que a análise pressupõe a divisão” (Santos, 1997, p. 75). Para tanto, analisaremos diversas formas nas quais o carnaval demonstra sua relevância para o território.

Inicialmente, é inegável a relevância do carnaval no sentido econômico e capitalista, pois mobiliza recursos e mão-de-obra, criando um fluxo significativo de renda. A venda da força de trabalho se intensifica, com artistas e trabalhadores informais encontrando oportunidades temporárias. Em 2023, o carnaval de Rio Claro foi projetado para gerar uma injeção de cerca de dez milhões de reais na economia local, conforme informado pelo G1 (13/02/2023). Aproximadamente 150 pessoas foram empregadas em atividades relacionadas ao evento, incluindo costureiras, serralheiros, artistas plásticos e empurradores, com um investimento de 150 mil reais apenas em mão de obra (G1, 13/02/2023).

Podemos perceber sua relevância, também, no sentido do engajamento comunitário e senso de comunidade, numa perspectiva mais cultural. Embora o carnaval seja amplamente visível apenas no mês de fevereiro, ele permanece vivo ao longo de todo o ano por meio de suas preparações contínuas:

[...] a atuação da escola de samba ocorre ao longo de todo o ano. O carnaval adquire um significado mais amplo que o de uma simples festa, englobando também sua idealização e preparação. Um carnaval inicia-se nas discussões de alguns, espalha-se e envolve diversos atores, formando um verdadeiro enredo, um tecido que organiza uma vasta rede de relações que o realiza e sustenta durante o ano inteiro (CAVALCANTI, 1994 apud Garcia et al., 2016).

Portanto, o carnaval constitui um fenômeno que ultrapassa a mera realização do evento, integrando dimensões de idealização, organização e preparação que se iniciam muito antes dos desfiles oficiais e envolvem múltiplos membros da comunidade em debates, ensaios e atividades sociais. O processo preparatório do carnaval — incluindo ensaios, escolha do enredo, confecção de fantasias e construção de alegorias — funciona como um catalisador da interação social, no qual os participantes colaboram na construção de um sentimento coletivo de pertencimento e orgulho comunitário. Dessa forma, o carnaval é vivido e experimentado ao longo de todo o ano, não apenas como um processo preparatório para o desfile, mas como uma manifestação contínua da vida comunitária e cultural, como bem colocado por Lima e Filippo (2012):

“Esses grupos exibem um senso de pertencimento organizado pela lealdade local cujas regras, costumes e tradições transcendem o carnaval, resultando no processo

artesanal e doméstico de confecção de fantasias, alegorias e instrumentos. Além do mais, enquanto a subvenção não chegava ou quando era insuficiente, a comunidade retirava dinheiro do próprio bolso para produzir a festa. O carnaval pode ser entendido, portanto, não como a moratória do cotidiano, mas como extensão da vida comunitária” (LIMA e FILIPPO, 2012)

Isso pode ser evidenciado na entrevista concedida por Bruno Calore, presidente da Uesca na época, para o jornal Diário do Rio Claro:

“As escolas estão realizando eventos, promovendo ensaios abertos e diversas ações para mobilizar a cidade e colocar seu carnaval na rua. É uma felicidade imensa o retorno dos desfiles, porque apesar da escola trabalhar o ano todo, é no desfile de carnaval que nos realizamos enquanto comunidade, reforçamos nossa identidade e acima de tudo vivemos a tradição do carnaval, com sua cultura, alegria, realização e união de famílias e amigos” (Diário do Rio Claro, 00/00/2023)

Garcia (2004) analisa como as escolas de samba refletem as relações de poder e as alianças que se estabelecem nas comunidades, ao mesmo tempo em que transformam essas relações e são continuamente moldadas pelas reconfigurações comunitárias. O autor discute o processo de preparação que antecede o carnaval, destacando que o desfile deve ser fruto de um sonho coletivo, no qual é difícil distinguir os limites entre os planos individuais e os objetivos coletivos:

“(…) não há oposição entre os planos do individual e do coletivo, mas constante imbricação, de tal modo que uma ação num dos planos sempre reverbera ou ressoa no outro, no sentido de uma subjetividade pensada como processo” (GARCIA, 2004, p. 193)

Dessa forma, observa-se que esse processo rompe com os valores de individualismo e egoísmo, promovendo a valorização da ação conjunta e da colaboração, ao mesmo tempo em que constrói uma rede de sociabilidade distinta daquela geralmente encontrada nas sociedades modernas (SANTOS, 2006 apud ERICEIRA, 2009).

Apesar de sua relevância, é perceptível que o carnaval sofreu com ataques ao longo dos anos, especialmente em 2016, com a eleição de João Teixeira Júnior, ou Juninho da Padaria. Quando eleito, o prefeito na época previa a transferência dos quatro milhões de reais destinados ao carnaval ao longo de quatro anos de governo para o setor da saúde:

“Os quatro milhões para o Carnaval investiremos na Saúde. Vamos ter Carnaval com dinheiro privado, este é o compromisso com a cidade. Em campanha defendíamos, e como prefeito iremos fazer este compromisso” (Jornal Cidade, 04/10/2016)

Em 2018, o prefeito afirmou que “o nosso compromisso é que não vamos mais colocar dinheiro público municipal no Carnaval [...] É óbvio que não vamos proibir. Se a iniciativa privada quiser, pode fazer” (Jornal Cidade, 2018). Novamente em 2018, o prefeito afirma: “Continuamos com o propósito de oferecer estas opções para quem gosta de basquete e carnaval, mas sem usar dinheiro público” (Diário do Rio Claro, 2018). Essa postura evidencia que, em determinadas circunstâncias, o carnaval, assim como a cultura em geral, não é priorizado pela administração pública, sendo frequentemente tratado como secundário frente a outras demandas, sugerindo que a cultura seja menos digna do investimento público.

No contexto da globalização e das transformações territoriais, o carnaval de Rio Claro reflete a complexa relação entre cultura, economia e política, conforme discutido por Santos (1994), que argumenta que, na contemporaneidade, “a grande mudança se dá no plano da cultura, pois esta passa a ser o veículo do econômico e do político”. Fuini (2015) conclui, portanto, que, num contexto de economia globalizada, a cultura transcende o local, enquanto, ao mesmo tempo, envolve pessoas que estão fixas no local, tornando-se uma expressão única das identidades e dinâmicas regionais.

O carnaval das escolas de samba, tal como o conhecemos, se origina do Rio de Janeiro, como já previamente mencionado, e através do tempo ele se dissemina por meio de fluxos culturais, econômicos e midiáticos. Esse processo dá origem à prática carnavalesca em diversas cidades, e se territorializa em Rio Claro. Em outras palavras, essa prática é recriada a partir das características próprias da cidade, moldada pelas condições locais. Dessa forma, o carnaval de Rio Claro, enquanto manifestação cultural, não só reflete uma identidade local, mas também se recria a partir das especificidades territoriais da cidade, interagindo com a economia local e com as dinâmicas políticas e sociais do município.

Sendo o carnaval parte do território rioclarense, podemos concluir que ele faz parte da intensa disputa pelo uso e controle simbólico deste. Ao analisar o território e territorialidades em disputa, não podemos deixar de analisar o que indica Raffestin (1993), que entende o território como uma emanção de poder derivada pelo Estado ou classes sociais capazes de exercer controle sobre um local, sendo que este é delimitado por esses grupos. Essa delimitação, mesmo que temporária, simboliza o controle e a apropriação de um espaço por aqueles que o ocupam. Ao celebrar o carnaval, as escolas e blocos estabelecem temporariamente um novo controle sobre o território urbano, transformando-o num espaço cultural e festivo, reforçando que o território não é estático, mas está em constante reconfiguração, refletindo as dinâmicas sociais, culturais e políticas locais.

Essa disputa é especialmente relevante quando consideramos as decisões políticas que impactam diretamente o carnaval no passado, com a falta de investimento que releva a tensão entre a valorização da cultura e as prioridades da gestão municipal. Essa manifestação cultural, portanto, se insere em uma complexa teia de disputas territoriais.

De acordo com Gonzales (2011), a legislação brasileira ligada à cultura parte dos preceitos básicos abordados no Artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948):

Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios. Toda

qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

No Brasil, o acesso à cultura através das políticas públicas tem uma longa trajetória, surgindo principalmente a partir do século XX. Algumas políticas são implementadas ao longo do século, mas podemos destacar a década de 1980, quando surge o Ministério da Cultura (1985) em conjunto com leis de incentivo fiscal, como a Lei Sarney (1986), seguida pela Lei Rouanet (1991) (GONZALES, 2011).

Nesse contexto, é importante destacar que a cultura muitas vezes não é compreendida como um elemento essencial, muitas vezes ficando em segundo plano, como evidenciado no governo de João Teixeira Júnior. Num contexto de incentivos fiscais e investimentos públicos, Santana e Orsi (2023) destacam:

A afirmação de que a cultura é um direito, não basta. A letra da lei, por si só, não garante a efetivação de direitos nem o cumprimento de deveres. Nesse sentido, torna-se essencial a internalização e a apreensão da essencialidade da cultura, não só como manifestação genuína das mais diversas práticas sociais, mas também enquanto memória histórica, fundamental e aparentemente tão secundarizada no tempo presente.

Ou seja, o valor fundamental da cultura, tanto como um pilar da memória histórica como uma expressão das práticas sociais, é relegado a um papel secundário, principalmente no âmbito das políticas públicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apelido “Capital da Alegria” foi popularmente atribuído à cidade de Rio Claro em virtude de suas raízes carnavalescas. No entanto, ao longo dos anos, essa prática cultural enfrentou cortes orçamentários e descaso. Diante desse contexto, esta pesquisa teve como objetivo salientar a relevância cultural da festa para a cidade de Rio Claro, bem como seu processo de territorialização, enfatizando seu desenvolvimento histórico. Para tanto, foi realizada a análise histórica do carnaval na cidade através dos registros do Arquivo Público (APHRC), além de leitura e análise de matérias jornalísticas, a fim de melhor compreender as intenções dos líderes locais ao longo dos últimos 8 anos.

À luz do presente estudo, fica evidente como o carnaval de Rio Claro transcende o simples entretenimento, configurando-se como um elemento crucial na preservação da identidade cultural local, ao mesmo tempo em que reflete a diversidade e complexidade do carnaval brasileiro. Através da análise histórica do carnaval na cidade, é revelado que, apesar das pressões e desafios, o carnaval de Rio Claro mantém vivas tradições populares presentes há séculos.

Portanto, o carnaval rioclarense é uma síntese das interações entre cultura, economia e poder, configurando-se não apenas como um evento festivo, mas como uma manifestação que molda e reflete as identidades locais. Ele passa a servir como um espaço de resistência, onde as vozes das comunidades locais encontram um palco para se manifestar, criando um senso de comunidade e perpetuando práticas culturais que poderiam, de outra forma, ser marginalizadas ou esquecidas.

Podemos observar também, através dessa pesquisa, a importância do apoio governamental e das políticas públicas para a promoção das manifestações culturais locais. Apesar do carnaval ser parte da cultura rioclarense, o evento em si, em grande parte, ainda depende do apoio institucional para garantir sua continuidade em pleno vigor e sua valorização.

Nesse sentido, como previamente discutido, é necessário que a cultura se internalize na mentalidade da população como algo essencial para as mais diversas finalidades, tais como para a valorização e preservação da memória coletiva, para a atuação como um instrumento de transformação social, e para a promoção de um senso de comunidade, entre outras. Dessa forma, poderemos compreender a necessidade de investir em cultura, de maneira comparável ao investimento direcionado para outras áreas do orçamento público.

Contudo, é importante salientar que o Carnaval é um evento cultural intimamente ligado ao território. Tanto na ausência quanto na presença do apoio municipal, a festividade

persiste enraizada na identidade local, sendo moldada pela participação de todos os cidadãos rioclarenses, que, de maneira coletiva, contribuíram para a consolidação dessa tradição.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P.C. O carnaval de 1935: oficialização e legitimação do samba. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**: ANPUH, 2011.

BAUNGARTNER, D. F. **As transformações no carnaval na cidade de Rio Claro entre a década de 1920 até os dias atuais**. TCC (Graduação em Lazer e Turismo) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades. São Paulo, p. 119: 2011.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DINIZ, André. **Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ERICEIRA, R. C. S. Escolas de samba: território e processos de identificação social. **Revista Pós Ciências Sociais** vol. 6, nº 11, 2009.

FUINI, L. L. Território e territórios na leitura geográfica de Milton Santos. **Brazilian Geographical Journal**, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 253-271, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/28837>>. Acesso em: 22 set. 2024

GARCIA, M. L.; COSTA, S. L.; MENDES, R. Memória, território e comunidade: extensão universitária na escola de samba X9 – Santos, São Paulo. *Rev. Ciênc. Ext.* v.12, n.3, p.105-117, 2016.

GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem européia à festa nacional. **Caravelle**, v. 73, n. 1, p. 131–145, 1999.

GONZALES, N. dos S. **Comunicação pública e acesso à cultura: um estudo de caso da Oficina Cultural Glauco Pinto de Moraes sob a ótica das Relações Públicas**. Projeto experimental (Bacharel em Comunicação Social: Relações Públicas) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru, p. 81. 2011.

G.R.E.S. Portela. *Escola*. Disponível em: <https://www.gresportela.com.br/Escola>. Acesso em: 4 set. 2024.

HÖFLING, I. B. **Cadernos Azuis: Rio Claro, Capital da Alegria...** Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Penteado’, 2006.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

MIRANDA, J. V. GRASIFS - A Voz do Morro. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340344109_ARQUIVO_Grasifs.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39, p. 167–189, 2000.

OLIVEIRA, P. C. M. **Carnaval baiano: as tramas de alegria e a teia de negócios**. Dissertação (Mestrado em Administração). Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da UFBA, Salvador. 1996.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, M. A.; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SANTANA, L. B.; ORSI, R. A. **Investimentos públicos em políticas culturais: uma análise comparativa entre as gestões do PMDB e do PT em Araraquara/SP**. Pol. Cult. Rev., Salvador, v. 16, n. 1, p. 163-187, jan./jun. 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Huítec, 1997.

SANTOS, Milton. et al. O Papel Ativo da Geografia: um manifesto. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 17., Florianópolis, 2000.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle époque ao tempo de Vargas**. Editora: EDUFU, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: um tema em debate**. Editora 34, 1997.

TURETA, César; ARAÚJO, Bruno Félix Von Borell de. Escolas de samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 111–129, 2013.

NOTÍCIAS

Carnaval de Rio Claro deve injetar quase R\$ 10 milhões na economia. G1, 12/02/2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/02/13/carnaval-de-rio-claro-deve-injetar-quase-r-10-milhoes-na-economia.ghtml>>. Acesso em: 27 set. 2024.

Capital da Alegria volta a ter carnaval de rua após seis anos. Diário do Rio Claro, 03/02/2023. Disponível em: <<https://www.j1diario.com.br/capital-da-alegria-volta-a-ter-carnaval-de-rua-apos-seis-anos/>>. Acesso em: 27 set. 2024.